

29 ABR 1985

Tancredo

4 JORNAL DA TARDE

# jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo  
Av. Engenheiro Caetano Álvares, 55. Tel.: 266-7099 (PABX).



Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

José Vieira de Carvalho Mesquita  
Júlio de Mesquita Neto  
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
Ruy Mesquita  
César Tácito Lopes Costa  
José M. Homem de Mênies  
Oliveiros S. Ferreira

JULIO MESQUITA  
(1891 - 1927)JULIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
(1927 - 1969)

## Vamos tirar lições do nosso comportamento

Passado o emocionalismo dos últimos dias, que atingiu o seu paroxismo trágico em Belo Horizonte, impõe-se a todos os setores da sociedade, incluindo a imprensa, uma reflexão serena e uma autocrítica sincera sobre o que aconteceu neste país desde que o ex-presidente Tancredo Neves caiu doente e começou a deixar 130 milhões de brasileiros órfãos.

Em momentos como os que vivemos nos últimos 50 dias, vêm à superfície verdades profundas da psicologia coletiva de uma sociedade e aparecem à vista de todos as suas mazelas e virtudes. Sentimos, por exemplo, de forma mais nítida do que nunca, que somos um povo sem instituições e estruturas políticas seguras e que, se temos no nosso próprio povo uma matéria-prima da melhor qualidade para a construção de um regime democrático, por sua índole generosa e impregnada de solidariedade humana, também é verdade que ainda depositamos enormes expectativas em homens isolados, em líderes providenciais, que a carência de instituições que nos inspirem confiança e tranquilidade nos momentos de crise nos leva, às vezes, até a fabricar.

Foi o caso do fenômeno Tancredo Neves. Durante mais de 40 anos de militância política ele jamais se oferecera como uma liderança carismática. Era avesso a isso e nem mesmo tinha uma personalidade típica dos chefes que mobilizam e galvanizam multidões. Na verdade, tinha todas as qualidades e defeitos do homem médio brasileiro, e essa foi a química que o tornou, de repente, uma grande esperança nacional, porque num determinado momento surgiu como o homem talhado para uma missão específica que a Nação lhe delegou. Não era um político empolgante e, em sua carreira, chegou até mesmo a sofrer reveses diante de adversários bem mais modestos do que ele em qualidades de liderança. Ministro de Getúlio Vargas, primeiro-ministro do período parlamentarista por sua habilidade ímpar de negociador, candidato derrotado ao governo de Minas Gerais e, depois, em 1982, vitorioso para o mesmo cargo por escassa margem de vantagem no confronto com um quase desconhecido, Eliseu Resende, personagem fabricado por um regime no auge de sua impopularidade, Tancredo Neves, no entanto, se transformou, de repente, numa espécie de salvador nacional, no curto espaço de pouco mais de um ano.

Era o homem com a melhor biografia, talhado para congregar forças dispersas da Nação que num momento dado tinham um mesmo objetivo, e o fez com a maestria e a habilidade que sempre o caracterizaram, chegando a uma significativa vitória no Colégio Eleitoral contra o candidato do regime, o nada simpático Salim Maluf, mas nada indicava que chegaria a ter o papel de líder providencial. As condições trágicas da posse que não houve, a doença relatada e transmitida, pela primeira vez na história do País, ao vivo e em cores, dia a dia, obrigando o povo brasileiro a um voyeurismo um tanto mórbido e provocando emoções que chegaram aos limites da histeria coletiva, tudo isso levou o ex-presidente a uma condição de chefe idealizado e ansiado, um Messias que nunca quis ser, como chegou a afirmar em sua simplicidade tão mineira.

A imprensa — particularmente a televisão — carregou nas tintas em muitas ocasiões, durante o espetáculo patético diante do Instituto do Coração, em São Paulo, onde não faltaram políticos oportunistas para tirar proveito da agonia do ex-presidente. Em parte, deve ser chamada à responsabilidade na produção de um clima de certa histeria e exagero, no qual a emoção era explorada sem preocupações com a ética, por emissoras de televisão e por vários jornais e revistas sem senso de limites e proporções.

A TV, esse poderosíssimo meio eletrônico de comunicação, pôde, mais uma vez, demonstrar sua capacidade de manipular emoções. Todos sabemos que esse veículo privilegiado pelo caráter instantâneo e direto em sua comunicação com o público exacerbada, controla, produz e dissemina emoções. O telespectador foi levado a entrar no quarto de hospital de Tancredo Neves, na intimidade de sua família, nos detalhes e minúcias das operações e procedimentos médicos e, até mesmo, na vida dos médicos que atenderam o ex-presidente, cujos perfis oscilavam no imaginário popular, como é comum em situações graves, do papel de salvadores milagrosos para a condição de bruxos de maldade refinada.

De repente o País inteiro descobriu que dependia, para o seu futuro político e institucional, da localização de uma bactéria intestinal. Descobriu, perplexo, que há um vazio político entre nós que é assustador sob vários aspectos e foi levado a acreditar que apenas a figura de Tancredo Neves garantia um delicado equilíbrio entre as forças políticas implicadas na atual transição democrática.

Os profissionais de imprensa e de TV, bem como os políticos, devem refletir sobre suas responsabilidades em face de um quadro como esse. Não é por acaso que a televisão, em países altamente civilizados e altamente democráticos da Europa Ocidental, como a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Itália, a Suécia e outros, está sob o controle do governo.

Se sociedades tão maduramente democráticas preferem que assim seja é porque têm plena consciência de que um instrumento tão poderoso de comunicação tanto pode ser utilizado para educar quanto para deseducar, para aperfeiçoar ou consolidar, como para vilipendiar ou abalar as próprias instituições sobre as quais se assentam. Por isso preferem controlá-lo indiretamente por meio do controle que exercem sobre suas instituições democráticas a deixá-lo ao sabor de interesses individuais ou de grupos particulares.

Aqui, dada a nossa indigência institucional, o controle direto da televisão pelo governo — indiretamente ela já é controlada por ele por meio do sistema de concessões de canais a título precário — seria um mal maior do que o seu domínio por particulares que muitas vezes não possuem um mínimo de nível cultural compatível com o exercício de tamanha responsabilidade.

Essa responsabilidade nunca foi tão grande quanto neste momento em que o Brasil faz mais uma tentativa de ingressar no restrito grupo de países politicamente civilizados.

A televisão, como toda a imprensa, teve e continua a ter um grande saldo positivo neste processo: o de auxiliar a difundir o espírito da cidadania entre nós.

Temos, como dizíamos, a matéria-prima para isso, que é um povo cada vez mais consciente dos seus desígnios, um povo feito da mesma argamassa que, quando bem trabalhada, produz homens como Tancredo Neves, mas ainda falta muito para que tenhamos as almejadas estruturas políticas que nos libertem definitivamente da dependência quase exclusiva dos grandes líderes, que, infelizmente, são tão raros. Não temos a menor dúvida de que Tancredo Neves queria, exatamente, fazer de seu governo uma ponte para que o Brasil a través-

sasse o fosso que o separa ainda de uma sociedade capaz de dispensar grandes líderes, figuras carismáticas e expectativas grandiloquentes. Uma sociedade tranqüilamente congregada em torno de instituições sólidas e democráticas, capaz de suportar a morte de um líder sem histeria ou comoções traumáticas, mas apenas com a dor profunda que normalmente provoca a morte de uma pessoa querida. Enfim, uma sociedade livre, na qual cada cidadão seja plenamente consciente de que o governo não tem outra função senão a de fornecer a infra-estrutura melhor possível para que ele desenvolva livremente suas próprias capacidades, para o maior benefício da comunidade nacional.